

POR UMA PEDAGOGIA DO CONCEITO

André Luis La Salvia*

Resumo:

Desde a volta da obrigatoriedade do ensino de filosofia no nível médio (Lei nº 11.684 de junho de 2008) estamos diante do desafio de criar e recriar propostas didáticas e propedêuticas para as três séries desse nível de ensino. Neste artigo, procura-se relacionar as teorias de Gilles Deleuze e Feliz Guattari com a proposta de Frederic Cossutta, para explorar a noção de pedagogia do conceito noção esta que pareceu pertinente para subsidiar a pesquisa e prática do ensino de filosofia. Procurou-se entender o que é a filosofia e a importância do conceito nos sistemas filosóficos e também analisar a estrutura de criação conceitual. O objetivo final é estabelecer um método de estudo e ensino de filosofia baseado na exploração da ideia de que a filosofia cria diferentes conceitos ao longo da sua história e que deve-se ensinar esses conceitos aos alunos do ensino médio, explicitando-lhes suas estruturas e funções.

Palavras – chave: Ensino. Filosofia. Deleuze. Cossutta.

1 INTRODUÇÃO: O DESAFIO DE ENSINAR FILOSOFIA

A cada 50 minutos o desafio pedagógico de ensinar filosofia no nível médio é renovado. A cada sala cheia de adolescentes – muitas vezes desinteressados – reencontra-se a obrigação de fazer a filosofia lhes “fazer sentido”. É necessário constantemente buscar subsídios que deem conta desse desafio didático. De nossa posição, recorreremos a “pedagogia do conceito” para criar uma imagem da filosofia e do seu ensino. Tal noção foi citada por Gilles Deleuze e Felix Guattari e proposta por Frederic Cossutta

Durante os anos de ausência da obrigatoriedade, a propedêutica dessa disciplina no nível médio deixou de ser um foco de atenção. Deixando-nos agora com uma dupla tarefa: a necessidade de criação, ou recriação, de materiais didáticos; e uma problemática discussão acerca dos métodos de ensino a serem utilizados. Acreditamos que devemos buscar na própria filosofia os subsídios necessários para a implementação bem sucedida de seu conteúdo como

* Mestrado em Filosofia pela Unicamp, Bragança Paulista, São Paulo - Brasil. E-mail: salviaa@gmail.com

disciplina no nível médio. Para isso, recorreremos aos autores citados como referencial teórico e metodologia para a preparação do material didático a ser utilizado.

No presente artigo, pretendemos explorar a imagem da filosofia criada por Deleuze e Guattari no livro *O que é a filosofia?* - uma vez que acreditamos que o professor de filosofia deve desenvolver afinidade com uma linha teórica que o oriente no estudo e seleção do conteúdo para o ensino da disciplina. Percebemos que nesses autores predomina a importância do conceito para a filosofia e a partir dessa constatação, pesquisamos a contribuição de Frederic Cossutta para a interpretação e estudo dos conceitos filosóficos. Encontrando assim os subsídios para a nossa prática diária: em Deleuze e Guattari o referencial teórico e em Cossutta a metodologia para o ensino de filosofia.

No livro *O que é a Filosofia?*, pode-se encontrar a ideia que cada sistema filosófico é singular e auto-referente ao criar conceitos para problemas que deseja resolver. Mas, ao mesmo tempo, os diferentes conceitos referem-se uns aos outros, formando a História da Filosofia. Nós aproximamos essa noção com a afirmação de Cossutta que:

toda obra filosófica – esta é uma característica do gênero – elabora ou pretende elaborar as condições de sua própria validade e, portanto, enuncia as próprias regras da leitura que se pode fazer dela. (COSSUTTA, 1994).

Assim, cada obra ou sistema filosófico constrói o seu sentido através dos conceitos que cria para solucionar problemas e é na busca de fazer sentido que cada conceito procura ser pedagógico. Ora, se cada conceito criado é único e tem sua pedagogia, ao para ensinar filosofia, deveríamos explorar a pedagogia própria de cada conceito:

Todo o conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução (...) mesmo na filosofia não se cria conceitos, a não ser em função dos problemas que se considerem mal vistos ou mal colocados (pedagogia do conceito). (DELEUZE, 1992).

Partimos então da ideia de que: se a criação de conceitos é a tarefa filosófica por excelência e se esta criação remete a uma pedagogia do conceito onde este resolve um problema, então o desafio de ensinar a filosofia passa pela compreensão do processo pedagógico dos conceitos

que se quer ensinar. Conseqüentemente, o ensino de filosofia deverá ter como base a evidenciação de um conceito, evidenciação esta feita através da demonstração da colocação do problema a que se remete o conceito criado e da multiplicidade de seus componentes colocados em cena em virtude dessa resolução.

Desse modo, o que pretende este artigo é, no seu primeiro movimento, continuar a explorar a noção deleuze-guattariana de “filosofia como criação conceitual” para, no segundo movimento, expor as nuances colocadas por Cossutta na proposta da cena filosófica onde o conceito desempenha seu papel pedagógico através dos seus componentes.

2 CONCEITOS E ACONTECIMENTOS

A filosofia cria conceitos, mas o que seriam conceitos? Deleuze e Guattari afirmam que cada conceito é singular formado e por multiplicidades de componentes estruturados para resolver um problema. Em uma longa citação, retirada do livro *O que é a filosofia?*, reencontramos a definição da função da filosofia:

Em toda a parte reencontramos o mesmo estatuto pedagógico do conceito: uma multiplicidade, uma superfície ou um volume absolutos, auto-referentes, compostos de um certo número de variações intensivas inseparáveis segundo uma ordem de vizinhança, e percorridos por um ponto em estado de sobrevoo. O conceito é o contorno, a configuração a constelação de um acontecimento por vir. Os conceitos, neste sentido, pertencem de pleno direito a filosofia, porque é ela que os cria e não cessa de criá-los. O conceito é evidentemente conhecimento, mas conhecimento de si, e o que ele conhece é o puro acontecimento, que não se confunde com o estado de coisas no qual se encarna. Destacar sempre um acontecimento das coisas e dos seres é a tarefa da filosofia quando cria conceitos, entidades. Erigir um novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimentos...(DELEUZE, 1992)

Ora, estudar os conceitos deleuzeanos significa levar em conta suas estruturas complexas, formadas por elementos em relação que organizam “campos de solução” para “problemas”. A filosofia é uma prática de criação conceitual que procura atravessar o caos através da consistência dos conceitos – o caos, para os autores, é o excesso de sentido, o excesso de

devires, geralmente entendido como um caos de “variabilidades infinitas” em “velocidades infinitas”, ou seja, cheio de problemas que dão o que pensar. Já os conceitos são multiplicidades intensivas com relações de vizinhança entre componentes ordenados que expressam acontecimentos desse caos. Deleuze diz que os conceitos criados não devem representar essências simples, mas, com a estrutura complexa (elementos ordenados em relações dinâmicas de vizinhança), devem dar conta da multiplicidade própria do mundo.

Precisamos então também entender o que são os acontecimentos. Deleuze nos explica que os ‘acontecimentos’ são as diferentes mudanças qualitativas singulares que se efetuam no estado de coisas. Os acontecimentos são, portanto, o próprio devir, as transformações incorporais que se efetuam nas coisas: "Em todo acontecimento, há de fato o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa”(DELEUZE, 1977).

A importância dos acontecimentos é que são eles que se apresentam como problemas que, desse modo, dão o que pensar. François Zourabichvili esclarece-nos precisamente no que consiste a importância da teoria dos acontecimentos na filosofia deleuzeana:

O acontecimento sustenta-se em dois níveis no pensamento de Deleuze: condição sob a qual o pensamento pensa (encontro com um fora que força a pensar, corte do caos por um plano de imanência), objetividades especiais do pensamento (o plano é povoado apenas por acontecimentos ou devires, cada conceito é a construção de um acontecimento sobre o plano). (ZOURABICHVILI, 2003).

Por isso, devemos entender que o ato do pensamento cria conceitos para dar conta dos acontecimentos que encontra a partir das situações que vivencia: “Os novos conceitos devem estar em relação com problemas que são os nossos, com nossa história e sobretudo com nossos devires”(DELEUZE, 1992). Para a criação de conceitos, a noção de encontro é muito importante para Deleuze, pois é o novo e o diferente (por fim, um acontecimento) que se experimenta num encontro que dá o que pensar. Então, as noções de experimentar e encontrar estão intimamente ligadas ao pensamento: ter uma experiência significa vivenciar uma situação a partir de um encontro com algo e esse algo libera acontecimentos que dão o que pensar.

Então, se cada conceito filosófico procura expressar acontecimentos da nossa

realidade porque estes apresentam-se como problemas que devemos solucionar, como podemos transformar essa imagem da filosofia em didática de sala de aula?

Para tentar resolver essa questão, propomos que a aula de filosofia deva colocar o educando em contato com situações em que ele possa por em movimento seu pensamento e é nesse sentido que Silvio Gallo afirma: “O professor deverá selecionar alguns problemas filosóficos, de preferência que tenham um significado existencial para os alunos, pois filosofamos quando sentimos os problemas na pele” (GALLO, 2002). Portanto, para cada conceito a ser ensinado é necessário estudar e reconhecer que tipo de conceito se trata, quais são seus elementos, qual problema ele resolve e de que forma ele resolve. Só que devemos selecionar conceitos e problemas filosóficos notórios da história da filosofia mas que, ao mesmo tempo, possam servir de base para que o educando se instrumentalize para criar os conceitos necessários para resolver os seus problemas. A aula de filosofia deve expor um conceito, evidenciando qual problema ele resolve, qual acontecimento ele pensa, para que o educando perceba o funcionamento da práxis filosófica para aí sim criar autonomamente os seus conceitos que dão conta dos problemas que lhe acossam. A aula de filosofia estimula o pensar e o estimula ao pensar sobre os grandes conceitos de sua história e ao pensar sobre os possíveis conceitos a serem criados para resolver os seus problemas atuais.

Para Deleuze, o significado da tarefa filosófica de ‘criar conceitos’ é a criatividade colocada em movimento a partir de um ‘encontro’ com aquilo que ‘dá o que pensar’. A filosofia nos estimula e prepara para estar ‘a espreita’ para pensar e pensar a partir da ‘experiência’ dos encontros que temos. A aula de filosofia deve então ensinar a pensar? Resposta difícil. Como nos alertou Kohan, não se ensina a pensar, a aula de filosofia deve “facilitar, estimular, preparar”(KOHAN, 2002) a pensar. Através da exposição dos conceitos a aula de filosofia deve fazer com que o educando encontre-se com situações e delas tenha uma experiência do pensar, ou seja, busque responder as exigências que uma situação pode causar, uma situação que ‘dá o que pensar’.

3 A QUESTÃO DO MÉTODO

Para ajudar na montagem da aula de filosofia que deve selecionar conceitos e expô-los aos educandos que escolhemos o método de estudo de Frederic Cossutta. Cossutta descreve o conceito como participando de uma cena filosófica onde se desenrola toda a operação

pedagógica da filosofia e através dela podemos estabelecer um método didático dos conceitos filosóficos para o ensino médio. Diz o autor que a cena filosófica é:

o resultado desse trabalho de escrita pelo qual o filósofo representa o processo de pensamento no próprio amago do texto. A cena filosófica é composta pelo conjunto das operações derivadas da estrutura enunciativa que , por variação e combinação, se enriquece consideravelmente. (COSSUTTA, 1994).

De modo esquemático podemos sintetizar essa cena:

CENA FILOSÓFICA

Função destinatário

*como se relaciona com a teoria
e com o discípulo (como expõe, explica)*

formas: *cartas, diálogos,
pedagógico, didatismo*

Função autor

*enunciador universal
de teses*

Função dialógica ou polêmica

como se relaciona com outras teorias (aliados/inimigos)

Função autor: o nome próprio, a presença que elabora as teses, o 'enunciador universal', a referência: “*todo texto de filosofia é determinado a partir de uma referência enunciativa que atribui os papéis, distribui a fala e coordena os elementos de análise em um ponto de vista unificado*” (COSSUTTA, 1994),sendo que essa presença é o ponto de origem da construção de sentido, estabelecendo também a posição do leitor e a forma como as outras teorias serão evocadas;

Função destinatário: o destinatário é um mediador do autor com ele mesmo e com a comunidade – é a segunda pessoa para qual o texto se direciona; pode-se

evocar o leitor como sendo um destinatário universal, pode-se incluí-lo no discurso ou excluí-lo; Para quem se destina o texto e como convence o leitor de sua doutrina;

Função dialógica ou polêmica: é a integração da pluralidade dos pontos de vista à cena filosófica, através de um jogo de referências resolve *“de maneira determinada o problema de sua inserção no campo pré-constituído dos saberes, das práticas e das filosofias já instalados”*(COSSUTTA, 1994) .

Cossutta estabelece uma cena onde há múltiplas variações de componentes para os três componentes básicos que formam a estrutura da cena: o autor que pode utilizar diferentes meios para expor sua teoria; aqueles a quem se fala; e os aliados e inimigos da teoria exposta encontrados na História da Filosofia. De acordo com o estilo de cada filósofo tem-se a variabilidade das filosofias, pois cada um estabelecer diferentemente cada função da cena filosófica. Cabe ao professor montar sua aula utilizando este método para expô-lo ao aluno: ou seja, identificar os conceitos e os seus componentes formadores da cena.

Procurando sintetizar Deleuze e Cossutta, pode-se começar a dizer que para ambos o conceito é um sistema heterogêneo de elementos em relação. Deleuze e Guatarri descrevem “variabilidades infinitas” em “velocidades infinitas” e Cossutta coloca as funções autor, destinatário e dialógica. Pode-se dizer que as variabilidades e velocidades estão nos diferentes estilos de autores, destinatários e polêmicas criadas pelos filósofos ao colocar seus conceitos para resolver problemas. Vale ressaltar que os autores citados concordam que a tarefa do conceito filosófico é resolver problemas e para isso criam conceito que tentam “fazer sentido”.

O método para montagem da aula nessa proposta da pedagogia do conceito deve-se ter em perspectiva que o conceito resolve um problema utilizando de diferentes elementos, sendo que pode-se identificar alguns desses elementos como sendo: de um lado, o problema a ser resolvido, o estilo do autor, o modo como expõe, com quem dialoga ou rivaliza; de outro lado, o nome do conceito, quais elementos o compõem, como se relacionam estes elementos entre si.

Na pedagogia do conceito, nossa tarefa em sala de aula seria escolher os conceitos mais significativos para a propedêutica da filosofia no nível médio e aplicar o método de exposição e estudo acima citado, procurando ainda localizar os conceitos nas áreas (Ética, Estética, Lógica, Política, Teoria do Conhecimento, Metafísica...) e na História da Filosofia.

Procuramos com este artigo pesquisar e analisar os subsídios teóricos que fundamentem as escolhas pedagógicas que assumimos a cada nova aula que damos e a cada novo grupo de alunos que encontramos.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COSSUTA, Frederic. *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Citações pags. 9, 14, 14 e 30).

DELEUZE, Gilles . *Lógica do Sentido*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1998tr. Br. Luiz Roberto Salinas Fortes. Or.: *Logique du sens*. Collection " Critique " - Les éditions de Minuit 1969. (Citação, pag. 177).

DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. *O Que é a filosofia?* Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992, tr. Br. Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz. Or.: *Qu'est-ce que la philosophie?* Collection "Critique " - Les éditions de Minuit 1991. (Citações, pags. 27, 46, 40).

GALLO, Silvio. *Filosofia no ensino médio. Em busca de um mapa conceitual*, IN FAVERO, A. et al (orgs), *Filosofia e ensino em debate*, Ijuí, Ed. Unijuí, 2002, pp189-202. (citação, pag. 20)

KOHAN, W.O. *Perspectivas atuais do ensino de filosofia*. (pp 21-40). IN: FAVERO, A. et al (orgs). *Um Olhar sobre o ensino de Filosofia*. Ijuí, Ed. Unijuí, 2002. (Citação, pag. 23)

ORLANDI, L. *Linhas de Ação da Diferença*. IN: Alliez, Eric (org) *Gilles Deleuze: Uma Vida Filosófica*. São Paulo, Ed. 34, 2000.

ZOURABICHVILLI, François. *Lê Vocabulaire de Deleuze*. Paris: Elipses, 2003. (Citação, pag.14).

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ARANHA, M. Lúcia & MARTINS, M. Helena P. *Temas de Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.

_____. *Filosofando*. São Paulo: Moderna, 1986.

ARANTES, Paulo e outros. *A filosofia e seu ensino*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/EDUC, 1995.

AZANHA, José Mário Pires. *Proposta pedagógica e autonomia da escola*. A Escola de Cara Nova /Planejamento, São Paulo: SE/CENP, 2000. p.18-24. Disponível em (Acesso em: 11/03/2009): http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/constr_prop_p018-024_c.pdf.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

CHAUI, Marilena e outros. *Primeira filosofia: lições introdutórias: sugestões para o ensino básico de filosofia*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CUNHA, José Auri. *Filosofia: iniciação à investigação filosófica*. São Paulo: Atual, 1992.

DANIEL, Marie-France. *La philosophie et les enfants*. Montreal: Les Editions Logiques, 1993.

DELEUZE, Gilles.. *Abecedário*. Realização Pierre-André Boutang, produzido pelas editions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação.

_____. *Conversações, 1972-1990*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992, tr. Br. Peter Pál Pelbart. Or.: *Pourparlers 1972 - 1990*. Les éditions de Minuit 1990.

_____. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1988, tr. Br. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Or.: *Différence et répétition*. Epiméthée - P.U.F. - 1ère édition 1968 - 8ème édition janvier 1996.

FAVERO, A. et al (orgs). *Um Olhar sobre o ensino de Filosofia*. Ijuí, Ed. Unijuí, 2002.

GADOTTI, Moacir. Para que serve afinal a filosofia? *Reflexão* 4(13): jan/abr. 1979.

GALLO, Sílvio. Do futuro da filosofia na Universidade. *Impulso*. Piracicaba: Unimep, 9(19):131-142. 1995.

_____. Filosofia na educação básica. Uma propedêutica à paciência do conceito, in RIBAS, M.C.A. et al (orgs) *Filosofia e Ensino. A filosofia na escola*. IJUÍ, Ed Unijuí, 2005, pp389-401.

GOTO, Roberto. *Começos de Filosofia*. Ed. Átomo, Campinas – SP, 2003

HÜHNE, Leda M. (org.) *Política da filosofia no 2o. Grau*. São Paulo: Sofia Editora/SEAF, 1986.

JAPIASSU, Hilton F. *Um desafio à Filosofia: pensar-se nos dias de hoje*. São Paulo: Letras & Letras, 1997.

KOHAN, W.O., CERLETTI, A. A., *A filosofia no ensino médio*, Brasília, Ed unB, 1999.

LAGUEUX, Maurice. Por que ensinar filosofia? *Reflexão*. 5(18). 1980.

NIELSEN NETO, Henrique. *O ensino da filosofia no 2o. Grau*. São Paulo: Sofia, 1986.

NUNES, César A. *A construção de uma nova identidade para a filosofia no segundo grau: condições e perspectivas*. Campinas, SP: Unicamp, 1990.

_____. *Aprendendo filosofia*. 4 ed. Campinas: Papirus, 1992.

PIOVESAN, Américo et al. *Filosofia e Ensino em debate*. Ijuí, Ed. Unijuí, 2002

OBIOLS. G. Uma introdução ao ensino da filosofia, Ijuí, Ed. Unijuí, 2002.

ORLANDI, Luiz B.L., RAGO, Margareth, VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *O que estamos ajudando a fazer de nós mesmos*. In: *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro : DP&A, 2002.

SEVERINO, Antônio J. *Filosofia*. São Paulo: Cortez, 1993. (Col. Magistério do 2o. Grau).

_____. *Filosofia e ciências humanas no ensino de 2º grau: uma abordagem antropológica da formação dos adolescentes*. In: Queiróz, José J. (org.) *Educação hoje: tensões e polaridades*. São Paulo: FECS/USF, 1997.

SOUZA, Sônia M. R., *Um outro olhar: filosofia*. São Paulo: FTD, 1995.

TELES, M. Luiza S. *Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

TRENTIN, Silveira, R.J. & Goto, R. (orgs) *Filosofia no Ensino Médio. Temas, Problemas e propostas*. Edições Loyola, São Paulo, 2007.

REFERÊNCIAS LEGAIS:

Brasil, Lei Federal nº 8.069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 11/03/2009.

Brasil, Lei Federal nº 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 11/03/2009.

Brasil, Ministério da Educação, Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências Humanas e suas Tecnologias: Filosofia. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 11/03/2009.

Brasil, Conselho Nacional de Educação, Diretrizes Curriculares do Ensino Médio 03/1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 11/03/2009.

São Paulo, Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino Fundamental – Ciclo II e Ensino Médio. Disponível em: http://www.rededosaber.sp.gov.br/contents/SIGSCURSO/sigscFront/default.aspx?SITE_ID=25&SECAO_ID=595. Acesso em: 11/03/2009.